04/03/2022 23:25 about:blank

*Mario de Andrade numa cidadezinha não identificada desse imenso Norte brasileiro a que ele se sentia tão afetuosamente ligado, pelas raízes nativistas e populares de sua arte.*

# Intransigente pacifista e internacionalista amador

DANTAS MOTTA

Meu amigo Sergio Milliet da Costa e Silva, através daquele seu estilo aparentemente sem estilo da exemplificação de Gandon aplicada a Gide, respondendo, há tempos, pelo "Jornal do Comercio", do Rio, a um artigo meu sôbre Mario e no qual eu fazia sentir, nele, a existencia de um conflito entre o prosador e o poeta, acrescentava à guisa, não sei se de resposta, a seguinte: esse conflito realmente existia, porém bem maior e bem mais profundo, porque entre o escritor Mario de Andrade e o homem Mario.

Prevendo naturalmente, por amor daquela sua dialetica sutil e admiravel, o espanto que isso poderia causar, pelo fato de tal conflito ser comum a todos os artistas, já que todos vivem, simultaneamente, em dois mundos antagonicos, adiantava: "Mas em geral a luta tem vencedor: o homem ganha e perde-se o artista, ou esta vence e o homem desiste de ter importancia. Os grandes estão quase sempre nos gritos são meias nesse caso".

Donde a pergunta por ele proprio, Sergio, formulada, e que apesar do carater interrogativo, bem poderia ter efeito conclusivo:

— "E por que Mario, que é grande, não conseguiu dominar por completo, a personagem criada à imagem de um ideal e vir agravar-se o conflito até às vesperas da morte?"

"Porque — responde ainda ele proprio, Sergio — lhe faltava a fé em si mesmo, capaz de levar às ultimas consequencias, essa fé que teve um Gauguin, por exemplo, o que não teve um Rimbaud".

E meu entender, sem que disso tenha lá grande entendimento, como já o disse o Padre Antonio Vieira, que o HOMEM, entidade, espécie desse res esse non dicitur de Santo Tomaz, tanto reside no poeta quanto no prosador, com o que se enleam, nim só ajoujo, ambos os dois. Isto é, o poeta e o prosador, no meu artigo objeto daquele pequeno reparo. E se em geral a luta, a que se refere, tem vencedor, pode acontecer que em particular isso se exceptcona e à sobredita exceção a mesma sempre não aberrece, porque admissível e até viável. Mas isso chega a chiranza e é muito grande a meu respeito para com mestre Sergio.

Dar-se-ia, então, o caso de que o homem e o artista se não deixem vencer no que aquele, afinal, se encontra na mensagem deste, como, de resto, Sergio mesmo admitiu ter acontecido com Mario.

E admitiu-o bem, porque encontra final, que só poderia verificar-se consigo mesmo, e revelador de toda uma harmonia dos contrarios e admiravelmente bem autobiografada no poema "Louvação da Tarde". A ver: "Tarde, recreio de meu dia, é certo Que só no teu parar se sente, mallita? A onda de todos os trens hordamentos Da minha vida inquieta e desregrada. Só mesmo distanciado em ti, posso" Notar que tem razão-de-ser plausivel Nos trabalhos que vou semeando de Atabalhoadamente sobre a terra. Só nessa vastidão dos teus espaços. Tudo o que gero e mando e que parece" Tão sem destino e sem razão, se ajunta Numa ordem verdadeira".

Em um artigo para determinada revista italiana, que me pedia noticias da vida de Mario, fizera eu sentir que ela, mais do que nos milhares de cartas que escrevera, só poderia ser equacionada e decifrada quase que exclusivamente através da sua obra poetica. Principalmente na sua obra poetica.

Porque pessoalmente, e inclusive nas cartas, permanecia sempre o homem claro, sadio, mais-alegre, e ruim rum largo e ensolarado afugentava furias. Na sombra, porém, se ocultava o misterio do INSOFRIDO tão insistentemente envolido na "Lira" "Onde está o Insofrido" (pag. 13); "A culpa do insofrido está" (pag. 14; "Na sombra do Insofrido guarda o misterio na solidão". (pag. 16; "A tensão do Insofrido se abrandava com a formeza das confissões". (pag. 22); "Ideas, ideas! Ideais raivosos do Insofrido. Trazo verdades novas na boca inclaveis". (pag. 26).

Acrescentemos aí os trechos de uma carta escrita 4 dias antes de sua morte (3-11-45), repondo já os originais da "Lira": "Tinha isso me atrapalha nas minhas relações, o amor fica esquartado, se arrevando de tolmores de impudicicias, se sacrificando de cercear a saudade me inutiliza".

Sergio Milliet, se bem entendo, o seu artigo e da razão que que pego para este aiuruoxano humilde o sentido de suas pouparcas e só graças de sua inteligencia, e Sergio, à semelhança daquele José do poema do Drummond, é duro, se bem lhe entendi o artigo, vê nisso o motivo por que o homem desconfiava com o Escritor. Tanto que "essa convergão de um quase sacerdocio das letras forçava-o — ele, Mario — a tomadas de posição quase intimamente, por temperamento, lhe desgostavam".

Sinceramente, apesar de bastante sedutor o ponto de vista do extraordinario crítico, não me dou por achado — ponto de vista à que ainda adjudica o conceito de homem de esquerda etc.

E não me dou por achado, porque isso não me perturba nas declarações que fiz de que a poesia por completo, a personagem criada à imagem de um ideal e vir agravar-se o conflito até às vesperas da morte".

E meu entender, sem que disso tenha lá grande entendimento, como já o disse o Padre Antonio Vieira, que o HOMEM, entidade, espécie desse res esse non dicitur de Santo Tomaz, tanto reside no poeta quanto no prosador, com o que se enleam, nim só ajoujo, ambos os dois. Isto é, o poeta e o prosador, no meu artigo objeto daquele pequeno reparo. E se em geral a luta, a que se refere, tem vencedor, pode acontecer que em particular isso se exceptcona e à sobredita exceção a mesma sempre não aberrece, porque admissível e até viável. Mas isso chega a chiranza e é muito grande a meu respeito para com mestre Sergio.

Dar-se-ia, então, o caso de que o homem e o artista se não deixem vencer no que aquele, afinal, se encontra na mensagem deste, como, de resto, Sergio mesmo admitiu ter acontecido com Mario.

E admitiu-o bem, porque encontra final, que só poderia verificar-se consigo mesmo, e revelador de toda uma harmonia dos contrarios e admiravelmente bem autobiografada no poema "Louvação da Tarde". A ver: "Tarde, recreio de meu dia, é certo Que só no teu parar se sente, mallita? A onda de todos os trens hordamentos Da minha vida inquieta e desregrada. Só mesmo distanciado em ti, posso" Notar que tem razão-de-ser plausivel Nos trabalhos que vou semeando de Atabalhoadamente sobre a terra. Só nessa vastidão dos teus espaços. Tudo o que gero e mando e que parece" Tão sem destino e sem razão, se ajunta Numa ordem verdadeira".

Em um artigo para determinada revista italiana, que me pedia noticias da vida de Mario, fizera eu sentir que ela, mais do que nos milhares de cartas que escrevera, só poderia ser equacionada e decifrada quase que exclusivamente através da sua obra poetica. Principalmente na sua obra poetica.

Porque pessoalmente, e inclusive nas cartas, permanecia sempre o homem claro, sadio, mais-alegre, e ruim rum largo e ensolarado afugentava furias. Na sombra, porém, se ocultava o misterio do INSOFRIDO tão insistentemente envolido na "Lira": "Onde está o Insofrido" (pag. 13; "A culpa do insofrido está" (pag. 14; "Na sombra do Insofrido guarda o misterio na solidão". (pag. 16; "A tensão do Insofrido se abrandava com a formeza das confissões". (pag. 22); "Ideas, ideas! Ideais raivosos do Insofrido. Trazo verdades novas na boca inclaveis". (pag. 26).

Acrescentemos aí os trechos de uma carta escrita 4 dias antes de sua morte (3-11-45), repondo já os originais da "Lira": "Tinha isso me atrapalha nas minhas relações, o amor fica esquartado, se arrevando de tolmores de impudicicias, se sacrificando de cercear a saudade me inutiliza".

Sergio Milliet, se bem entendo, o seu artigo e da razão que que pego para este aiuruoxano humilde o sentido de suas pouparcas e só graças de sua inteligencia, e Sergio, à semelhança daquele José do poema do Drummond, é duro, se bem lhe entendi o artigo, vê nisso o motivo por que o homem desconfiava com o Escritor. Tanto que "essa convergão de um quase sacerdocio das letras forçava-o — ele, Mario — a tomadas de posição quase intimamente, por temperamento, lhe desgostavam".

Sinceramente, apesar de bastante sedutor o ponto de vista do extraordinario crítico, não me dou por achado — ponto de vista à que ainda adjudica o conceito de homem de esquerda etc.

E não me dou por achado, porque isso não me perturba nas declarações que fiz de que a poesia por completo, a personagem criada à imagem de um ideal e vir agravar-se o conflito até às vesperas da morte".

"Porque — responde ainda ele proprio, Sergio — lhe faltava a fé em si mesmo, capaz de levar às ultimas consequencias, essa fé que teve um Gauguin, por exemplo, o que não teve um Rimbaud